

**Relendo *Triste Bahia*
de Gregório de Matos e de Caetano Veloso**

**Reading again *Sad Bahia*
by Gregório de Matos and by Caetano Veloso**

Walace Rodrigues¹

Resumo: Este escrito busca compreender a releitura que Caetano Veloso faz do poema “Triste Bahia” de Gregório de Matos. Através das várias referências bibliográficas, buscamos compreender ambos os poemas e fazer uma rápida análise dos dois textos. Por estes poemas serem de momentos diferentes, mas tratarem do mesmo tema, eles se tocam, se relacionam e se friccionam, possibilitando várias leituras interpretativas. Como resultado deste escrito, notamos que Caetano Veloso atualiza a crítica social de Gregório de Matos e compõe uma colagem com elementos culturais importantes para a identidade da Bahia de hoje. Esse mecanismo de composição de Veloso pode ser enquadrado dentro do mecanismo tropicalista de criação.

Palavras-chave: Triste Bahia. Caetano Veloso. Gregório de Matos. Poesia.

Introdução

Este artigo busca refletir sobre a releitura que o poeta, escritor e músico Caetano Veloso faz acerca do poema “Triste Bahia” de Gregório de Matos, escritor barroco e também baiano. O tipo de análise que utilizamos aqui é o bibliográfico, tentando entender tal releitura através de passagens provenientes da literatura sobre poesia.

¹ Doutor em Humanidades pela Universiteit Leiden. Professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus de Araguaína. E-mail: walace@uft.edu.br

A riqueza de trazer à tona esta relação entre um poeta baiano de ontem e de hoje é mais do que temporal, mas atemporal. Tal reflexo de um poema em outro pode nos deixar perceber como tais artistas percebem o mundo e o transformam em poesia.

Vemos que Caetano Veloso faz uma releitura de Gregório de Matos, reatualizando sua poesia para as pessoas de hoje, trazendo-a para questões da atualidade. Como acreditamos que a verdadeira arte é atemporal, pois consegue tocar pessoas de várias épocas, a poesia de Gregório de Matos e a letra/poema de Caetano Veloso compartilham desta atemporalidade.

Relendo Triste Bahia

Gregório de Matos e Guerra (1636 – 1696) foi um escritor barroco baiano que escrevia durante o período colonial brasileiro. Advogado e poeta, tal escritor ficou conhecido por seus escritos satíricos e recebeu a alcunha de "boca do inferno", por fazer sátira até mesmo da igreja católica. Teve vários cargos de importância durante o período colonial, mas acabou deportado para Angola, justamente por causa de sua obra poética. Gregório de Matos satirizou os costumes das pessoas de todas as classes sociais da Bahia da época, até mesmo dos nobres e dos religiosos católicos.

É Antônio Cândido (2006) que nos deixa ver quem era Gregório de Matos e conhecer sua época. Cândido comenta sobre Gregório de Matos a partir de sua fala sobre o padre jesuíta Antônio Vieira (1608-1697):

Seu contemporâneo Gregório de Matos (1633-1696) foi o profano a entrar pela religião adentro com o clamor do pecado, da in-temperança, do sarcasmo, nela buscando guia e lenitivo. Ao orador junta-se este poeta repentista e recitador para configurar ao seu modo, e também sob o signo do Barroco, a oralidade característica do tempo, que permaneceu tendência-limite no meio baiano até os nossos dias. Apesar de conhecido sobretudo pelas poesias burlescas, talvez seja nas religiosas que Gregório alcance a expressão mais alta, manifestando a obsessão com a morte, tão própria da sua época, e nele muito pungente, porque vem misturada à exuberância carnal e ao humorismo satírico, desbragados e saudáveis. Nascido na Bahia, amadureceu no Reino e só voltou à pátria na quadra dos quarenta; lá e aqui não parece ter cuidado em imprimir as obras, que se malbarataram nas cópias volantes e no curso deformador da reprodução oral, propiciando a confusão e a deformação que ainda hoje as cercam (CÂNDIDO, 2006, p. 102).

Vimos na pesquisa para este artigo que há uma constante a relação entre o padre Antônio Vieira e Gregório de Matos, como nos deixa ver, também, Sílvio Romero (1980) em sua famosa coleção *História da Literatura Brasileira*. Romero nos dá sua visão, de forma pejorativa, em relação ao padre Vieira:

Vieira é o jesuíta, o produtor de uma sociedade e de uma religião gastas. Gregório é o discípulo de padres que começa por debicá-los, escarnecer deles e duvidar de sua santidade e sabedoria. Vieira é uma espécie de tribuno de roupeta que se ilude e ilude os outros com as próprias frases. Matos é um pândego, inconveniente, que tem a coragem de atacar bispos e governadores (ROMERO, 1980, p. 365).

Podemos notar que a irreverência, a criatividade e a crítica social das obras de Gregório de Matos lhe criaram conflitos com pessoas importantes de sua sociedade e o levaram a ser deportado e proibido de retornar à Bahia. Gregório de Matos utilizou-se do barroco para satirizar as mazelas de sua sociedade. Na passagem abaixo, de Darly Nicolanna Scornaienchi (s/d), vemos as características da arte barroca, o que nos deixa entender, pelo menos um pouco, como Gregório de Matos fazia exatamente o oposto daquilo que caracteriza o estilo barroco:

Os artistas barrocos não a imitaram [à arte do Renascimento] como havia feito os *maneiristas*, inspiraram-se nela sem perder o frescor de sua fantasia e sensibilidade para tudo aquilo que era necessidade espiritual de seu tempo. Criaram uma arte suntuosa e cenográfica, que agradava às cortes européias e também ao povo, pois as igrejas foram ricas e suntuosas, cheias de enfeites e altares dourados, com paredes recobertas de afrescos cheios de anjos, santos, personagens bíblicos, como se fosse um espetáculo teatral (SCORNAIENCHI, s/d, p. 27).

Podemos inferir, a partir da passagem acima, que Gregório de Matos, apesar de escrever dentro de um estilo barroco de composição, não se colocava como um amante da igreja católica da época e nem se interessava em agradar a ninguém. A liberdade criativa deste poeta é que perturbava a todos. Porém, Gregório de Matos ficou conhecido como o grande poeta de sua era, como nos informa a passagem abaixo:

O maior poeta da época [barroca] e de nossa Literatura Colonial é, sem dúvida, Gregório de Matos Guerra, também natural da Bahia. Sua produção poética foi publicada em 1929, pela Academia Brasileira de Letras e está distribuída em seis volumes: *Sacra, Lírica, Graciosa, Satírica* (IV e V

volumes) e *Última*. As composições satíricas e sacras constituem a parte mais importante de toda sua obra literária, pois nelas o Autor demonstra uma técnica apurada e grande individualidade. As sátiras valeram-lhe o apelido de “Boca do Inferno”, porque censuravam duramente os homens, os costumes, o clero e as arbitrariedades dos governadores; os poemas líricos apresentam-se grandemente influenciados pela estética barroca e a poesia religiosa mostra-nos um homem que, consciente de suas falhas e temendo as penas do Inferno, procura salvar-se através de Cristo (SCORNAIENCHI, s/d, p. 215-216).

É o filósofo Jean Paul-Sartre que nos indica que o poeta trabalha numa esfera fora das concepções de mundo da maioria das pessoas. A própria natureza da linguagem poética é, de alguma forma, evasiva, porém contundente. Gregório de Matos se coloca nessa distância analítica de sua sociedade, sem deixar de ser criativo e artístico:

[...] o poeta está fora da linguagem; ele vê as coisas ao revés, como se não pertencesse à condição humana e como se, em sua aproximação com os homens, topasse, em primeiro lugar, como a palavra ao modo de uma barreira (SARTRE apud DUQUE; CUESTA, 1982, p. 101, tradução nossa).

A professora Susana Scramin (2006), nos deixa ver uma leitura muito original sobre o barroco a partir das observações do poeta mexicano Octavio Paz. Tal visão sobre a estética barroca pode enriquecer este texto:

Segundo Octavio Paz, o barroco lê o mundo como signos que se oferecem à visão e aos sentidos humanos, ou seja, a transgressão barroca se exerce sobre o objeto. O barroco é a arte da metamorfose do objeto, que, num processo intelectual e ativo, desvia da apoteose do sujeito e culmina no surgimento de um objeto insólito. No processo de formação operado pela estética barroca, o sujeito desaparece no objeto barroco (SCRAMIN, 2006, p. 177).

Essa estética barroca do objeto pode ser identificada no cuidado com a ornamentação das igrejas de tal período. A ornamentação dos objetos parece ser a principal coisa a ser admirada em uma igreja barroca, deixando o ser humano para o segundo plano, como nos disse Octavio Paz.

Na poesia de Gregório de Matos, podemos dizer que ele transforma as personagens da sociedade (e a própria sociedade) em objeto, objeto de análise satírica, distanciando-se de qualquer sentimentalidade.

Ainda, o professor João Adolfo Hansen (1989) nos deixa perceber que na poesia satírica de Gregório de Matos há sempre um mecanismo teológico que se relaciona com uma esfera política, dando força à sua poesia:

O que ocorre, porém, é que a sátira está perfeitamente integrada à ortodoxia teológico-política de sua época, podendo-se afirmar que o trecho acima é uma glosa da doutrina. Para mostrá-lo, é preciso inicialmente relativizar a noção de *direito divino* que, aplicada indistintamente ao século XVII ibérico, transpõe para ele formulações talvez válidas na França de Luís XIV ou na Inglaterra de James I, mas não em Portugal, onde a ação contra-reformista dos jesuítas e dominicanos está intensificada no mesmo século. Não fazê-lo implica, como já se escreveu, postular um Gregório de Matos subversivo, profético da crise do sistema colonial, crítico da mesma monarquia em função de um desejo de liberação atual de seu intérprete (HANSEN, 1989, p. 78).

Gregório de Matos parecia compreender bem os meandros da igreja católica e da política de sua época, daí sua originalidade satírica. Sem compreender os mecanismos teológicos e políticos de sua época, Gregório de Matos não teria conseguido tocar tão profundamente nas feridas da Bahia de seu tempo.

Neste momento, gostaríamos de deixar ver o poema de Gregório de Matos a que se refere este texto e buscar uma sucinta análise deste.

Triste Bahia (de Gregório de Matos)

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

O poeta deixa ver, na primeira estrofe, sua tristeza em relação à pobreza da Bahia de então. Se outrora a Bahia havia parecido rica, ao poeta ela aparece pobre, dessemelhante ao que vira antes. O poeta, ele mesmo, se diz empenhado, penhorado (falido?).

Na segunda estrofe o poeta continua a ideia de que a vida mercantil da Bahia se coloca de forma equivocada. Ele se compara à Bahia e deixa-nos ver que também se tem deixado barganhar.

Na quarta estrofe Gregório de Matos deixa ver que o açúcar, de excelente qualidade, é comercializado por “drogas inúteis” vendidas por estrangeiros que só querem tirar vantagens dos produtos baianos e de sua população.

Na quarta e última estrofe o poeta almeja que a Bahia amanheça “sisuda”, séria, e que deixe de levar-se pelas armadilhas dos comerciantes estrangeiros. Ela devia produzir algodão, produto com que se fazem os “capotes” (casacos para frio) e que tinham mais valor de mercado.

Notamos que Gregório de Matos escolhe a forma tradicional de um soneto (dois quartetos e dois tercetos) para expressar sua angústia com a Bahia de seu tempo. Ele faz uma comparação da Bahia consigo mesmo, deixando-nos perceber que ambos se relacionam de forma muito forte.

Sílvio Romero (1980, p. 364) nos comenta que o Brasil vivia a lutar, à época de Gregório de Matos, contra os estrangeiros que desejavam invadir o território nacional. Havia, portanto, um certo ressentimento em relação aos estrangeiros que vinha aqui ter vantagens e explorar nossa população.

Partindo de sua percepção pessoal e da poesia de Matos, Caetano Veloso fará uma releitura atualizada (em 1972) da Bahia. Tal releitura se coloca enquanto uma retradução das impressões poéticas de Gregório de Matos e se expande para uma colagem de outros elementos culturais.

Vale, aqui, falar um pouco sobre o poeta, cantor, escritor e músico Caetano Veloso para podermos entender um pouco mais sobre o trabalho deste artista. Caetano Emanuel Viana Teles Veloso nasceu em Santo Amaro, Bahia, no recôncavo baiano, em 7 de agosto de 1942.

Ele é um dos artistas brasileiros mais conhecidos nacional e internacionalmente na área da música. Importante pela sua busca de entendimento cultural do que é o Brasil, ele está

sempre recriando a partir de referências nacionais múltiplas e renovando todas essas referências. E é exatamente isso que ele faz com o poema de Gregório de Matos. Musicalizando o poema transformado e recriando a partir de sua estrutura básica, Caetano nos dá um objeto artístico que nos coloca para pensar sobre o ontem e o hoje. O que mudou? O que não mudou? Levando-nos, assim, a refletir sobre nossa situação sócio-político-cultural.

Podemos dizer que Caetano Veloso se torna grandemente conhecido a partir do movimento tropicalista, movimento este que durou de do final da década de 1960 até meados da década de 1970. Tal movimento buscava compreender o Brasil e se utiliza das mais variadas fontes nacionais (como a figura mítica de Carmen Miranda, o movimento antropofágico da década de 1920, da poesia concreta, entre outros exemplos) e internacionais (como a *Pop Art*, o movimento *Hippie*, etc). O professor Wallace Rodrigues (2014), falando sobre o movimento tropicalista, nos informa que:

[...] o grupo tropicalista tinha como seus maiores representantes Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Torquato Neto, os Mutantes e Gal Costa. Provavelmente, o tropicalista-intelectual mais importante para o movimento tenha sido Caetano Veloso. Caetano Veloso (Caetano Emanuel Viana Teles Veloso), nascido a 7 de Agosto de 1942, em Santo Amaro, Estado da Bahia, é cantor, compositor, escritor e um dos mais importantes pensadores brasileiros. Suas criações têm ajudado a compreender mais profundamente a cultura brasileira. Sua contribuição inestimável, durante o Tropicalismo, fez de Caetano um personagem legendário na história da música brasileira. Uma de suas criações, a canção chamada “Tropicália”, de Caetano Veloso, de 1968, pode ser considerada como uma forma de representação da identidade brasileira nos fins da década de 1960. O movimento tropicalista se dá durante a ditadura militar no Brasil. A ditadura militar foi instaurada em 1964 e oficialmente terminada em 1985, sendo que o período mais autoritário aconteceu depois da criação do Ato Institucional número 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968, que suspendia todos os direitos civis dos cidadãos. A partir deste ato, a vida cultural brasileira mudaria de rumo com a forte influência da censura pública sobre todos os campos culturais (RODRIGUES, 2014, p. 3).

Caetano Veloso incorpora, em suas criações, a forma tropicalista (com várias referências a elementos da cultura brasileira) de compor e fazer arte. Wallace Rodrigues (2014) ainda nos informa sobre o mecanismo de composição das letras tropicalistas:

[...] se os tropicalistas não criaram um manifesto para difundir as ideias de seu movimento, como os modernistas o haviam feito (aliás, os modernistas criaram vários manifestos e revistas), a música “Tropicália” dava a linha de

pensamento e de mecanismos estéticos utilizados pelo movimento tropicalista. Nela observamos o uso de uma mistura, aparentemente desconexa, de várias representações “tipicamente” brasileiras, como a construção de Brasília, a figura de Carmen Miranda, o carnaval, as terras férteis e verdejantes, a figura da mulata, as águas azuis, os coqueiros, entre outros (RODRIGUES, 2014, p. 4).

No contexto deste escrito, damos grande importância ao mecanismo da releitura artística como motor propulsor de criações artísticas inovadoras e originais (mesmo tendo fortes referências de outras obras). Tais releituras atualizam o que parecia “ultrapassado” e “antiquado” culturalmente, reatualizando elementos esquecidos das artes brasileiras. A recriação parece ter a capacidade de construir novas estruturas significativas e, ao mesmo tempo, dar-nos um caráter histórico único e pautado na cultura e na arte.

Esse mecanismo de reconstrução a partir do “antigo” mostra-nos uma tensão entre o ontem e o hoje, entre o que havia e o que há, questionando-nos sobre nosso papel histórico e de transformadores de nossa sociedade brasileira.

Se Gregório de Matos buscava dar a ver, em sua poesia satírica, os costumes da sociedade baiana de sua época, Caetano nos faz pensar na Bahia de hoje. Gregório e Caetano se mostraram extremamente críticos da sociedade baiana, eles nos deixam imagens bastante claras para entrarmos em seus contextos criativos e questionadores. Conforme Duque e Cuesta (1982), a imagem é muito utilizada no gênero poético:

Imagem: Elabora-se a imagem com base nas relações e vivências psíquicas associadas, de alguma maneira, à mente do poeta. As imagens são o recurso mais rico de que dispõe o poeta para o embelezamento da criação poética. Ao mesmo tempo, o poeta pode fazer reviver e provocar diversas sensações na mente do leitor. Há imagens que provocam sensações de cores, olfativas, gustativas, ótica, táteis e sinestésicas. As sinestésicas consistem em atribuir qualidades a coisas que não as têm, mas com as quais possuem certa relação (DUQUE; CUESTA, 1982, p. 23-24, tradução nossa).

Lembramos, ainda, que Caetano Veloso, em seu LP intitulado “Caetano Veloso: Transa”, de 1972, lançado pela Philips, presenteou-nos com sete faixas musicais (You Don't Know Me, Nine Out Of Ten, Triste Bahia, It's A Long Way, Mora Na Filosofia, Neolithic Man, Nostalgia).

Tal LP representou seu retorno ao Brasil (Caetano esteve exilado em Londres de 1969 a 1972) e seu agradecimento à riqueza cultural brasileira. Prova disto é que Caetano utilizou-se, também, de parte da letra da música de Luiz Gonzaga chamada “Hora do adeus” na criação da letra de “You Don't Know Me”. Ele toma emprestado: “Eu agradeço ao povo brasileiro/Norte, Centro, Sul inteiro/Onde reinou o baião”. Caetano “toma emprestado”, ainda, versos da letra da música “Maria Moita”, de

Sérgio Mendes: “Nasci lá na Bahia/De Mucama com feitor/Meu pai dormia em cama/Minha mãe no pisador”.

Também, este LP traz fragmentos de várias fontes artísticas brasileiras, como no caso da letra da música “It’s a long way”. Ai Caetano inclui trechos da letra da música de Zé do Norte, intitulada “Sodade, Meu Bem, Sodade”, e da letra da música “A Lenda do Abaeté”, de Dorival Caymmi. As referências marcadamente nordestinas parecem reforçar um sentimento de pertencimento e de glorificação às produções culturais do nordeste do Brasil. Essas observações são só para mostrarmos o poderoso mecanismo referencial do qual Caetano utilizou no LP “Caetano Veloso: Transa”.

Dentre tais faixas do LP “Caetano Veloso: Transa” está “Triste Bahia”, uma releitura atualizada de um poema do poeta baiano Gregório de Matos e Guerra. A seguir colocamos a letra/poema de Caetano:

Triste Bahia (de Caetano Veloso)
 Triste Bahia, oh, quão dessemelhante...
 Estás e estou do nosso antigo estado
 Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado
 Rico te vejo eu, já tu a mim abundante
 Triste Bahia, oh, quão dessemelhante
 A ti tocou-te a máquina mercante
 Quem tua larga barra tem entrado
 A mim vem me trocando e tem trocado
 Tanto negócio e tanto negociante

Triste, oh, quão dessemelhante, triste
 Pastinha já foi à África
 Pastinha já foi à África
 Pra mostrar capoeira do Brasil
 Eu já vivo tão cansado
 De viver aqui na Terra

Minha mãe, eu vou pra lua
 Eu mais a minha mulher
 Vamos fazer um ranchinho
 Tudo feito de sapê, minha mãe eu vou pra lua
 E seja o que Deus quiser

Triste, oh, quão dessemelhante
 ê, ô, galo canta
 O galo cantou, camará
 ê, cocorocô, ê cocorocô, camará
 ê, vamo-nos embora, ê vamo-nos embora camará
 ê, pelo mundo afora, ê pelo mundo afora camará
 ê, triste Bahia, ê, triste Bahia, camará
 Bandeira branca enfiada em pau forte...

Afoxé lêi, lêi, leô...
 Bandeira branca, bandeira branca enfiada em pau forte...
 O vapor da cachoeira não navega mais no mar...
 Triste Recôncavo, oh, quão dessemelhante
 Maria pé no mato é hora...
 Arriba a saia e vamo-nos embora...
 Pé dentro, pé fora, quem tiver pé pequeno vai embora...

Oh, virgem mãe puríssima...
 Bandeira branca enfiada em pau forte...
 Trago no peito a estrela do norte
 Bandeira branca enfiada em pau forte...
 Bandeira...

Na primeira estrofe da letra/poema Caetano faz referência direta ao poema de Gregório de Matos, musicando-o. A tristeza domina o verso e o desolamento parece tomar conta da Bahia de Caetano, assim como tomou conta da Bahia de Gregório de Matos.

Na segunda estrofe Caetano se refere ao Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha, 1889 — 1981), um famoso mestre de capoeira baiano, e nos remete à África, deixando ver a ligação direta entre Bahia e África.

Na terceira estrofe Caetano mostra sua vontade de ir-se de seu lugar (a Terra) e ir para outro (a Lua). As metáforas de Terra e Lua deixam ver lugares distantes e uma vontade de ir-se para um lugar tranquilo (um ranchinho), retirando-se dos problemas.

Na quarta estrofe Caetano parece se preocupar mais com o ritmo do que com o sentido, porém conserva a ideia de ir, de partir, de deixar a triste Bahia.

Na quinta estrofe há múltiplas referências: aos tradicionais blocos negros de carnaval (em “Afoxé”); às religiões afro-brasileiras (em “bandeira branca enfiada em pau forte”); ao barco a vapor de Cachoeira (cidade do recôncavo baiano) e seu glorioso passado; ao próprio recôncavo, chamando-o, também, de triste; e às músicas e danças populares que também dão ideia de partida.

Na sexta estrofe há referências claras à umbanda, principalmente com referência à utilização de partes do "Ponto do Guerreiro Branco", como em “Bandeira branca enfiada em pau forte” e em "Trago no peito a Estrela do Norte". A metáfora da estrela no peito dos nortistas (nordestinos também) sugere força para vencer e brilhar pela vida.

Quanto à força das metáforas e das imagens para a criação poética, Antônio Cândido (1996) nos diz deixa uma bela passagem explicativa:

A mudança de sentido faz da imagem e da metáfora um recurso admirável de reordenação do mundo segundo a lógica poética; mas a metáfora vai mais

fundo, graças à transposição, abrindo caminho para uma expressividade mais agressiva, que penetra com força na sensibilidade, impondo-se pela analogia criada arbitrariamente. O arbítrio do poeta depende de condições do meio (como a moda literária) da tradição histórica (que lhe oferece exemplos) e sobretudo da originalidade pessoal (que lhe permite juntar novos significados aos significados existentes). Dizer que a vida é breve como as flores é um lugar comum, de tal modo que seu efeito só pode atuar se o contexto for organizado com originalidade (veremos adiante que a organização do todo é no poema condição de eficácia das partes). Mas dizer "voltei-me em flor" (Mário de Andrade) é novo, único e mais revelador. A imagem e a metáfora podem ter uma capacidade ilustrativa quando se incorporam a famílias já conhecidas. E podem ter capacidade reveladora, quando criam uma relação nova, que esclarece o mundo de forma diversa (CÂNDIDO, 1996, p.89).

Nesta análise sucinta da letra/poema de Caetano Veloso podemos ver que as referências iniciais de Gregório de Matos se relacionam com as referências culturais atuais do que é a Bahia (capoeira, candomblé, carnaval, barco a vapor que já não navega mais, o recôncavo, etc). Caetano parece reforçar o ar triste do poema de Gregório, complementando-o com referências mais atuais.

Ainda, Caetano não perde as referências culturais baianas do passado e as complementa com as de hoje em dia, enfatizando a tristeza ao olhar para a Bahia de hoje. Essas correspondências estabelecidas por Caetano somente enriquecem a letra/poema, conforme nos informa Antônio Cândido (1996):

A base de toda imagem, metáfora, alegoria ou símbolo é a analogia, isto é, a semelhança entre coisas diferentes. E aqui encontramos, no plano dos significados, um problema que já encontramos no plano das sonoridades como sinestesia: o da correspondência. Com base na possibilidade de estabelecer analogias o poeta cria a sua linguagem, oscilando entre a afirmação direta e o símbolo hermético. Raramente o poema é feito apenas com um ou outro destes ingredientes polares, e na sequência dos versos somos capazes de notar a gradação que os separa. Muitas vezes, o elemento simbólico não está na peculiaridade das palavras, ou na sequência de imagens, mas no efeito final do poema tomado em bloco. E em tudo observamos a capacidade peculiar de sentir e manipular palavras (CÂNDIDO, 1996, p. 65).

Como nos diz Sílvio Romero, no século XVIII, apesar de todas as invasões de estrangeiros e reconquistas de nosso território, “A riqueza desenvolve-se grandemente por quase todo o Norte; a Bahia é ainda o centro, onde vão ter os raios do imenso perímetro” (1980, p. 364). Percebemos, portanto a importância econômica e social da Bahia para o Brasil colônia.

Nessa linha de pensamento, Caetano mostra-nos a importância da Bahia na vida cultural do país, pois vários de nossos modelos de “brasilidade” vêm diretamente da Bahia, desde a estética

baiana de Carmem Miranda até o molejo de Dorival Caymmi, a bossa de João Gilberto, passando pelas inovações do Tropicalismo, a paixão de Maria Bethânia, a visão alternativa dos Novos Baianos, entre outros elementos.

Lembramos, ainda, que o ritmo triste da composição musical de Caetano somente reforça o poder expressivo da letra/poema de “Triste Bahia”. Ainda, as várias referências culturais baianas utilizadas na letra/poema somente reforçam um mecanismo dialógico entre tempos distintos (o ontem e o hoje, na visão do poeta). Ao escutar a música, podemos notar a recorrência das repetições, marcando o clima triste e de partida.

Considerações finais

Podemos dizer que a importância das obras de arte (literárias, visuais, musicais, teatrais, etc) está na força expressiva que elas contêm. Com esta força elas nos alçam a um mundo de impressões e imaginações ricas e diversas, inspirando-nos, transformando-nos. Vemos, portanto, que estes dois poemas nos dão uma mostra dessa força expressiva, tanto que Caetano Veloso se volta para a obra de Gregório de Matos, pois esta ainda é atualíssima, viva e ainda nos toca.

Caetano Veloso nos inspira com suas colagens de poemas e letras de músicas encontradas na história cultural brasileira. Ele cria uma colcha de retalhos artísticos que se coloca como uma obra poética única. Como nos diz a professora Maria Luiza Sabóia Saddi (2011), a poesia é sempre criação de mundos próprios através do uso inusitado, criativo e artístico da linguagem poética, conforme a passagem abaixo:

A linguagem, a nossa mais cara invenção, indispensável e bela, mas nunca estática e absoluta, mas, sempre fluida, sempre múltipla e viva como pássaros em voo. Como se poderia almejar mais? Os problemas surgem quando a encaramos como apreensão ou revelação do mundo e esquecemos que ela mesma já é mundo, já é criação de mundos (SADDI, 2011, p. 4010).

Percebemos, também, que Caetano Veloso reatualiza o poema de Matos, incluindo nele elementos contemporâneos e solidificando alguns elementos ainda recorrentes na sociedade baiana. A sua astúcia em recortar de uma obra de arte do passado e trazê-la para o presente, de forma atualizada, é inovadora e inusitada. Como nos diz Antônio Cândido (2006), há uma literatura que, pela sua qualidade estética, é atemporal e universal (no sentido de abarcar todos os tipos de pessoas):

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um

momento determinado e a um determinado lugar (CÂNDIDO, 2006, p. 54).

Ainda, Caetano Veloso parece continuar e atualizar a crítica social de Gregório de Matos. Porém, para além da crítica social, Veloso parece acrescentar elementos culturais que dão identidade singular à Bahia, como que formando um mapa mental do que seria ser baiano hoje.

Neste sentido, Caetano Veloso somente aumenta a grandeza artística da obra de Gregório de Matos, tomando-a como base para sua própria criação. Não há obra de arte que parta do nada, mas ela sempre se remete a uma história das criações estéticas anteriores com a qual mantém relações muito próximas.

Abstract: This paper aims to understand the reading of Caetano Veloso on the poem “Sad Bahia” by Gregório de Matos. Through various bibliographical references, we seek to understand both poems and to do a quick analysis of the two texts. Because these poems are from different moments, but deal with the same theme, they touch, relate to each other and rub together, allowing us to have several readings. As a result, we note that Caetano Veloso actualizes the social critique of Gregorio de Matos and composes a collage with important cultural elements to the identity of Bahia today. This mechanism of Veloso's composition can be framed within the tropicalist mechanism of creation.

Keywords: Sad Bahia. Caetano Veloso. Gregório de Matos. Poetry.

Referências

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9^a ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. *O Estudo Analítico do Poema*. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, 1996.

DUQUE, I. Martín; CUESTA, M. Fernández. *Géneros Literarios*. Iniciación a los estudios literarios. Método y Practica. 7^a ed. Madrid: Playor, 1982.

HANSEN, João Adolfo. Positivo/Natural: sátira barroca e anatomia política. IN: *Revista Estudos Avançados*. USP, vol.3, n.6, pág. 64-88, 1989.

RODRIGUES, Wallace. Tropicalismo e cinema na construção de uma identidade nacional. *Revista Cadernos de Pesquisa*. UFMA, São Luís, v. 21, n. 1, p. 01 – 09, mai/ago. 2014.

ROMERO, Sívio. *História da Literatura Brasileira*. 2º volume. 7ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1980.

SADDI, Maria Luiza Saboia. Os desenhos no céu: sonho e poesia. IN: *Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes (ANPAP)*. Rio de Janeiro, pág. 4000 a 4012, 2011.

SCORNAIENCHI, Darly Nicolanna. *Projeto Euro-Brasileiro*. Master of College. São Paulo: O.E.S.P.-Maltese-Argos, volume XII, edição especial, s/d.

SCRAMIN, Susana. Poesia e sobrevivência. IN: *Poéticas do olhar e outras leituras de poesia*. PEDROSA, Célia; CAMARGO, Maria Lucia de Barros (org). Rio de Janeiro: 7Letras, pág. 177-192, 2006.